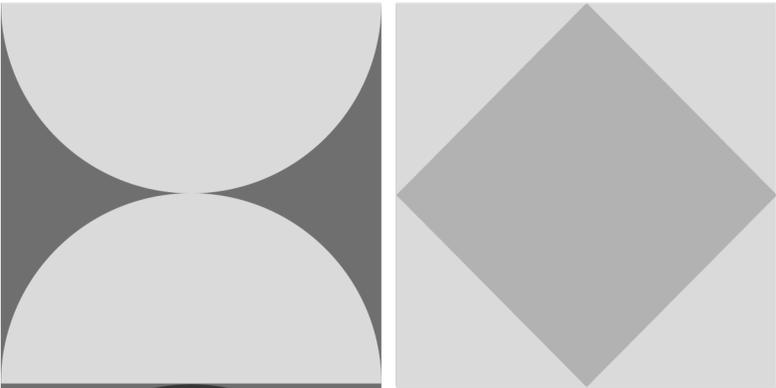
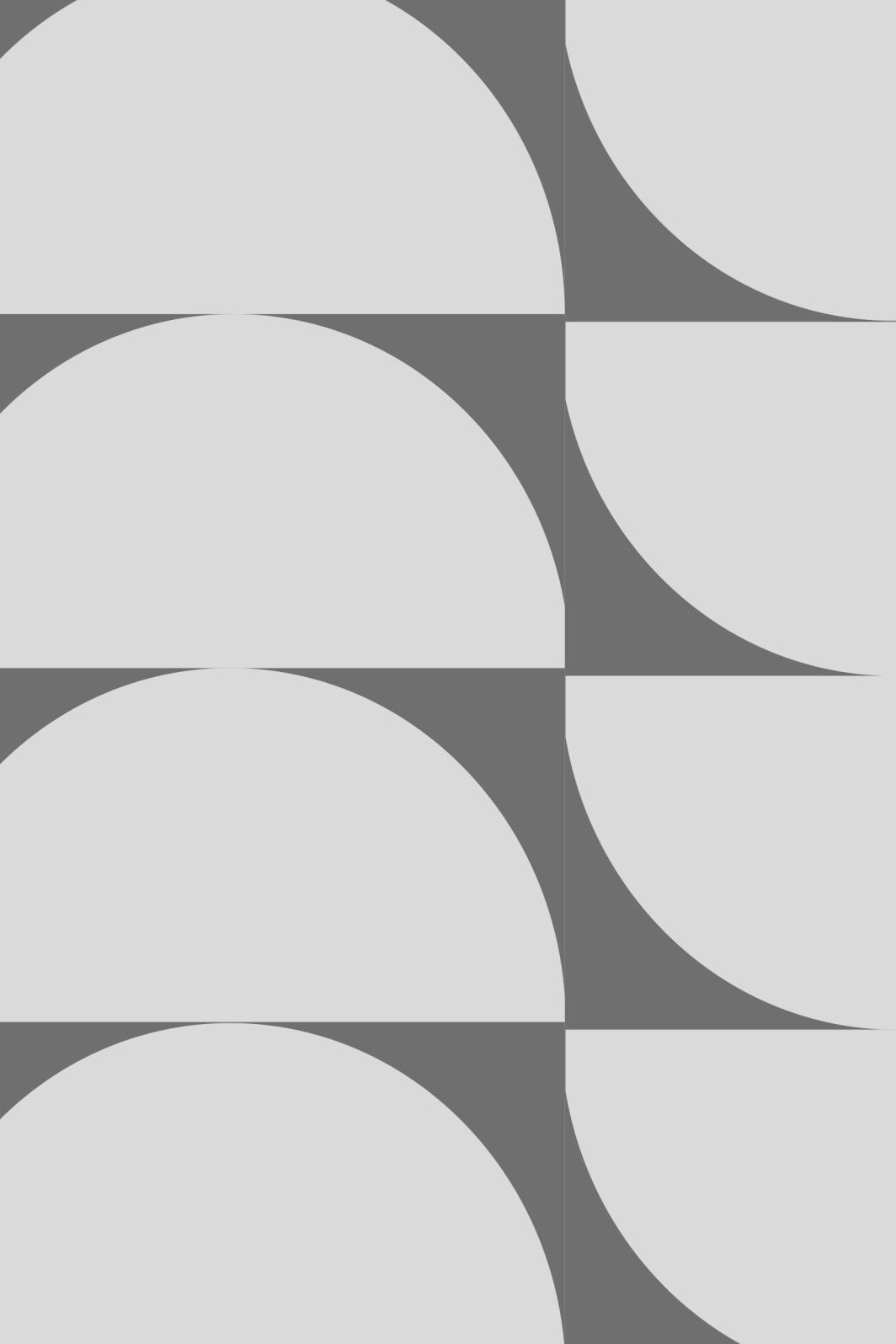




DISCIPULADO EM COMUNIDADE



iran
brito





Ao zeloso pastor e profeta Dom
Enemésio Ângelo Lazzaris
(*in memoriam*).

“Não deixemos que nos roubem a comunidade!” (EG 92)

SUMÁRIO

Abreviaturas e siglas, 11

Prefácio, 13

Introdução, 17

1. O ministério pastoral do Papa Francisco, 21

2. Transformação missionária da Igreja, 61

3. O discipulado em comunidade, 99

Conclusão, 139

Referências, 143

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG	<i>Ad gentes</i>
AL	<i>Amoris Laetitia</i>
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAP	Documento de Aparecida
CV	<i>Christus Vivit</i>
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
FT	<i>Fratelli Tutti</i>
GE	<i>Gaudete et Exsultate</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
LS	<i>Laudato Si</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
MV	<i>Misericordiae Vultus</i>
QAm	Querida Amazônia
RM	<i>Redemptoris Missio</i>
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i>

PREFÁCIO

A compreensão de uma Igreja em saída não é nova e nos remete ao mandato de Jesus Cristo: “Ide e fazei discípulos meus todos os povos” (Mt 28,19). No entanto, é inegável que, no pontificado do Papa Francisco, este mandato missionário tem ecoado de maneira pertinente, no afã de atualizá-lo aos contemporâneos cenários sociais e culturais, dos quais a Igreja de Cristo não pode ser alheia. Há, nos gestos e palavras de Francisco, o rosto de uma Igreja que assume intensamente, na sua maneira de ser e de estar no mundo, a missão de seu Mestre e Senhor. É por isso que a imagem de uma Igreja ‘acidentada’, ‘enlameada’ e ‘ferida’ por ter saído pelas ‘estradas’ (EG 49), torna-se marcante e, ao mesmo tempo, desafiadora, pois, coloca-nos no dinamismo do “caminho”, do seguimento, e da misericórdia, na realização da missão. Eis que o desenho de um rosto eclesial, cada vez mais configurado ao rosto misericordioso de Jesus Cristo, torna-se mais nítido e atraente no pontificado de Francisco.

O escrito aqui prefaciado apresenta os traços deste rosto eclesial do qual o Papa Francisco é, ao mesmo tempo, promotor e testemunha. Com efeito, é visível que Francisco não apenas anuncia, com palavras encorajadoras, uma conversão missionária da Igreja; ele próprio vive esta conversão por meio de gestos de proximidade, cujo horizonte de inspiração é a própria misericórdia de Deus. Assim, a lógica eclesial de Francisco não se confunde com abstratas formulações dogmáticas

que, muitas vezes, obscurecem o rosto da Igreja de Cristo. Trata-se, antes de tudo, de um dinamismo vivencial e missionário da Igreja, apresentado de maneira programática na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, e cuja finalidade é configurar-se cada vez mais às opções evangelizadoras do próprio Jesus, “o andarilho do Reino e missionário do Pai”.

É justamente este dinamismo eclesial e missionário que nosso autor, Iran Gomes Brito, busca explicitar em sua análise sobre o “*Discipulado em Comunidade na Evangelii Gaudium*”. Na leitura destas páginas, não se encontrará apenas dados e citações que embasam as análises feitas, exigência natural de quem vela pela seriedade científica; encontrar-se-á também a convicção apaixonada de alguém que assume para si o sonho do Papa Francisco: “sonho com uma Igreja em saída, não autorreferente, uma Igreja que não passe longe das feridas do homem, uma Igreja misericordiosa que anuncie o coração da revelação de Deus Amor que é a Misericórdia” (FRANCISCO, 25/03/2017). Este sonho realiza-se na dinâmica do encontro, da proximidade com o corpo ferido e maltratado, o qual jaz no caminho. Por isso, nas palavras do nosso autor, “pode-se afirmar, então, que o foco da Igreja em saída é o outro, sobretudo, o outro vulnerável e sofredor. Desse modo, ela [a Igreja] sai não para se perder, mas para se encontrar com a humanidade sofredora e ser no coração do mundo, hospital de campanha” (p. 46).

Encontrar-se com o outro para gerar comunhão. Por isso, uma das expressões mais significativas do discipulado em comunidade é a vivência da sinodalidade, que não se restringe a certas práticas burocráticas ou a reuniões de bispos a cada dois anos, mas refere-se ao jeito de ser e de atuar da Igreja. Com certeza, é na sinodalidade, na qual todos são considerados pela sua dignidade batismal e não pelo seu cargo hierárquico, que se constroem processos eclesiais e dinâmicas missionárias capazes de proclamar a Alegria do

Evangelho. Neste sentido, “a sinodalidade corrobora com o projeto de uma Igreja em saída, porque o termo saída não se vincula apenas ao horizonte geográfico, mas, também, entre outros, o de mentalidades hierárquicas ultrapassadas, que não servem para pôr em movimento a Igreja de Jesus” (p. 48).

Sinodalidade é sinônimo de comunhão e participação, em vista de uma conversão sempre constante e sincera à verdade do Evangelho. Vivendo assim, a Igreja encontrar-se-á necessariamente diante dos graves desafios presentes em nossas sociedades: o descuido e descarte do outro; a exploração desenfreada da criação a fim de manter um estado de bem-estar marcado pelo consumo; a crise do diálogo e do respeito, acentuada pelas polarizações e enfraquecimento das democracias; as práticas econômicas baseadas no lucro e não na promoção da vida; enfim, a lista poderia ser extensa. Tudo isso não deve levar ao desânimo, mas ao estímulo de práticas inovadoras de evangelização, fundadas no desejo profundo de uma conversão pastoral.

A conversão pastoral é condição para melhor realizar o mandato missionário de Jesus. É em vista da missão que se deve reafirmar a necessária vivência da fé em comunidade. Por isso, a forte expressão do nosso autor, “a fé cristã é intrinsecamente eclesial, isto é, comunitária. Se ocorrer o contrário, não é fé cristã (cf. Jo 13,34-35)”, nos estimula a refletir sobre a maneira como construímos comunidade pela vivência da fé. Somos discípulas e discípulos de Jesus quando nos arriscamos a caminhar em direção ao outro para gerar processos de comunhão, e não quando nos trancafiemos em nossas cômodas seguranças individuais.

Ora, as imagens eclesiológicas retomadas da Sagrada Escritura, a saber: Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo, nos indicam a necessária vivência da fé em comunidade, dinamizada pela ação do Espírito. Nossa identidade de discípulos e discípulas se constrói no seio da comunidade. Nisto, nosso autor retoma uma

expressão basilar dita por Francisco em sua Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*: “não há identidade plena, sem pertença a um povo” (GE 6); e assim se conclui: “este deve ser um traço importante e inegociável no caminho do discipulado em comunidade” (p. 77). Entende-se, por isso, que é necessário crescer na consciência de nossa identidade se quisermos realizar nossa missão de anunciadores do Reino. É preciso construir identidades integradas, como nos lembra o Documento de Aparecida (cf. DAP 110).

Enfim, leitora, leitor: os apontamentos aqui aportados, não se resumem apenas a uma apresentação irrefletida de afirmações papais presentes na *Evangelii Gaudium*. Ao contrário, a partir de um verdadeiro trabalho, que poderíamos caracterizar de exegético, nosso autor nos ajuda a compreender a gênese e o percurso da eclesiologia do Papa Francisco presente em sua Exortação. Isso alarga os nossos horizontes eclesiais e nos encoraja a avaliarmos nossas práticas pastorais e, sobretudo, a qualidade de nossa vida de fé em comunidade. Com efeito: “O discipulado em comunidade deve estar no horizonte de todas as pessoas que se inscrevem a trilhar os passos de Jesus, o Mestre do caminho. Quiçá, se transforme em recorrentes práticas eclesiais” (p.103).

Gratidão, portanto, ao amigo e irmão Iran Gomes Brito por sua perspicácia intelectual e sua coragem em refletir as práticas evangelizadoras da Igreja. Este livro estimula aos leitores e leitoras práticas eclesiais que condigam com sua identidade de discípulos e discípulas, ajudando-nos, portanto, a assumir, em comunhão com o Papa Francisco, o imperioso mandato de nosso Jesus Cristo: “Ide”!

Prof. Me. José Francisco Rodrigues Neto - IESMA

INTRODUÇÃO

Cada expressão escrita ou expressa verbalmente, pelo Papa Francisco, no decurso do seu ministério pastoral, dá materialidade para uma reflexão profunda, considerando a beleza e a lucidez do seu pensamento, como, por exemplo, a transformação missionária da Igreja. Com clareza evangélica, ele aponta as dificuldades interpostas à missão; mas, longe de apenas apontar dificuldades, o seu ministério pastoral acende luzes, isto é, aponta saída. Ora, um processo de conversão só se firma quando quem se encontra na condição de pecador assim se percebe, reconheça-se, com a coragem de falar dos próprios limites, ciente de que Deus na realidade humana encarna-se.

De fato, não podemos furtar-nos de falar de nós mesmos, de reconhecer as nossas fraquezas, mormente, quando queremos investir na maturação e na transformação, isto é, em um estilo novo de caminho. Por isso, no tocante à comunidade de fé, Francisco, com clareza, expressa que ela precisa urgentemente se converter, ou seja, mudar para ser sempre a Igreja de Jesus Cristo.

Porém, a mudança, como ele acentua, só acontece se a Igreja, assumindo as vestes da humildade e da simplicidade, deixar de autorreferenciar-se, deixar de voltar-se para si mesma (EG 95; GE 57, 136). A Igreja de Jesus Cristo não existe em função de si, mas para o mundo, assumindo com qualidade de presença o mandato missionário